



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BRASÍLIA, 12 DE SETEMBRO DE 1960.

AO INAUGURAR A PLATAFORMA RODOVIÁRIA DE BRASÍLIA,
NO EIXO MONUMENTAL DA CIDADE.

Trabalhadores de Brasília,
Meu caro Israel,

971 Acelerando a conclusão de importantes obras a fim de inaugurar-las no dia de hoje, trouxestes ao companheiro de luta o mais belo e cobiçado presente de aniversário. Com ímpeto retomastes o já famoso "ritmo de Brasília" e dobrando esforços arrancastes à noite horas reservadas ao descanso. Não querieis que êste

dia transcorresse sem que fôssem rematadas edificações e serviços essenciais a esta bela cidade construída com o vigor de vosso pulso e a firmeza de vosso ânimo. Como agradecer-vos êste gesto que vincula uma data de minha vida íntima a acontecimentos tão significativos para Brasilia? Generosamente me trouxestes a dádiva de uma alegria autêntica pois para quem vive a vida pública não há melhor alegria do que a coletiva e quanto a mim em particular o que é grato a Brasília dobradamente me rejubila. Obrigado, amigos, pelo reconfortante sentimento que me proporcionais. Obrigado, sobretudo pelo esforço suplementar que desenvolvestes para concluir hoje tantos e tão almejados empreendimentos. Louvado Deus que na Sua magnanimidade abençou o nosso trabalho; estamos chegando venturosamente ao término da jornada. Aqui, como em todo o país, pude cumprir os compromissos assumidos quando candidato e, em alguns casos, tive mesmo a felicidade de fazer mais que o prometido. Assim, também Brasília está sendo e será completada no que é fundamental dentro dos dias ainda dêste governo. Com as obras hoje inauguradas e as que se inaugurarão até janeiro de 1961, a Capital está em condições de realizar plenamente as suas tarefas de metrópole de um país grande que se torna rico, forte e respeitado. Não poderia passar pela cabeça de ninguém e obviamente não passou pela nossa a idéia de que em curto lapso de tempo fôsse possível transferir para a nova sede do governo central todos os serviços instalados no Rio de Janeiro. Muitos órgãos de cúpula poderão permanecer no Rio por tempo indefinido sem prejuízo algum para sua eficiência. Outros dêles até mesmo lucrariam se em vez de se amontoarem na capital fôssem descentralizados, localizando-se nas regiões a que mais especificamente se destinam os seus serviços. Para bem governar o Brasil de Brasilia, basta que aqui se encontrem os órgãos de onde emanam ordens e diretrizes mestras

com um corpo de funcionários qualificados e que constitui assessoria de um seleto grupo de seletos servidores. A 31 de janeiro de 1961, como tantas vêzes afirmei ao povo brasileiro, vou confiar às mãos daquele que a 3 de outubro as urnas escolherem não apenas uma capital em pleno funcionamento, mas também, o que é de magna importância, uma capital mais próxima da maioria das capitais estaduais. Uma capital situada dentro do país e portanto habilitada a equilibrar o seu desenvolvimento, que tão desigualmente se vinha processando em virtude de contingências históricas e geográficas agora superadas. Dêsse modo, o futuro governo terá tôdas as facilidades para aqui exercer a sua missão. O que era básico foi feito. Muito resta por fazer, mas no domínio extensivo, não no das coisas essenciais. Comunicações, vias de acesso, edifícios públicos, pavimentação, abastecimento de água e energia, serviço de saúde e demais serviços urbanos, tudo se ultimará de acordo com os planos estabelecidos e mesmo com a vantagem de tempo sobre os prazos previstos. A construção de Brasília mostrou de quanto é capaz o gênio criador do povo brasileiro. A energia, o arrôjo, a inteligência, a arte, a técnica e o esforço físico que se amalgamaram para produzir este monumento e que procederam todos de fontes genuinamente nacionais vieram revelar um Brasil novo que não só o mundo mas os próprios brasileiros desconheciam. É surpreendente que esta cidade que causa admiração e assombro além das fronteiras ainda encontre dentro do país uma obstinada minoria de opositores. Para maior glória de Brasilia e da epopéia de sua edificação, é bom saberem os pósteros que os seus construtores não lutaram apenas contra o deserto nem contra as dificuldades de uma nação em crescimento, mas também contra a incompreensão, a má vontade e o sarcasmo. Assim os vindouros compreenderão que Brasilia significou realmente uma profunda mudança de rota na vida deste país, represen-

tando a vitória de um espírito novo, de uma vontade lúcida, uma perseverança tranqüila porque cônscia da certeza do caminho. Os que construiram esta cidade ou vieram habitá-la, adotando-a de coração, não desamam a poeira das construções, pois sabem que esta poeira se desprende das lutas e novos tempos. Não se impacientam com a transitória descomodidade da capital recém instalada, pois este é o mórdico preço de participarem de um extraordinário fato histórico, o surgimento de um grande centro civilizador nas solidões do Brasil Central. Breve esquecerão as passageiras dificuldades aqueles que deixaram os refinamentos de confôrto de uma cidade culta, opulenta e encantadora, cidade das mais belas do mundo, para virem habitar numa capital em obras que mal acabara de erguer aos céus as suas estruturas de aço e de concreto, neste remoto rincão que pouco antes era apenas um vago retângulo escrito nas cartas geográficas. Em torno desta magnífica plataforma não tardará a instalar-se um centro borbulhante de vida, com as suas instituições de cultura, as suas salas de espetáculos, as suas lojas, as suas galerias, as suas vielas de porte veneziano, seus trevos, terraços, e cafés, onde se encontrará o ambiente propício à vida em comum, o lugar de encontro, o convívio tão necessário ao citadino. E tudo isso numa terra de adorável clima, envolvida a população numa atmosfera serena, isenta dos desgastes que trazem os problemas de tráfego e outros mais, que nas metrópoles superpovoadas obstam a cada passo as relações entre os indivíduos. Do terraço que nos circunda e em que nossa vista mergulha no horizonte infinito, sentireis dentro do peito o nobre orgulho de haverdes sido obreiros de uma grande nação, desacorrentando-a do litoral e atirando-a para dentro, para o interior que dormia um sono de milênios, à espera que uma raça de homens energicos viesse convocá-lo a participar da grande aventura da civilização humana. A Israel Pi-

nheiro, que dignamente representa a nobre estirpe dos construtores da capital, desde o urbanista, o arquiteto, o engenheiro, o funcionário, o técnico de vários níveis, até o cidadão, herói anônimo, aqui revelado à nossa admiração, agradecerei com um abraço, melhor do que com palavras, esta homenagem comovedora, mais que memorável, que não podia ambicionar para o meu aniversário natalício. Nas tardes do Planalto, os crepúsculos de fogo se confundem com as tintas da aurora. Tudo se transforma em alvorada nesta cidade que se abre para o amanhã. Certamente por isso, amigos, o último setembro que convosco partilho como presidente da República me inspira ao invés da melancolia do adeus o júbilo contagiate da metrópole, com o seu espírito de juventude, a sua alegria pioneira, a sua confiança no porvir. Quero acrescentar apenas uma palavra para agradecer as saudações maravilhosas que aqui tiveram o líder do Senado, Auro de Moura Andrade, o líder do Congresso, Jurema, o meu velho amigo Adelchi Ziller, e lhes dizer que as suas palavras tiveram o condão de me emocionar, como hoje pela manhã, na missa votiva que os meus amigos me ofereciam, o ilustre arcebispo desta cidade, D. José Newton de Almeida, arrancava de mim verdadeiras lágrimas de emoção com as suas palavras de compreensão, estímulo e incitamento. Quero agradecer neste instante a Israel Pinheiro, o decreto com que ele me surpreendeu nesta manifestação dando o meu nome humilde ao Eixo Monumental, guardando assim para a posteridade a lembrança do nome de um homem que apenas lutou e trabalhou com decisão e firmeza para realizar um velho sonho secular que há tantos anos atormentava gerações e gerações de brasileiros. No dia 2 de outubro próximo, faz quatro anos que pela primeira vez, num campo provisório, aqui descia eu em companhia de Israel Pinheiro. O Planalto era totalmente deserto. Nem sequer uma choupana alimentava a vida e a atividade

neste imenso traço do território brasileiro. Começamos a nossa luta. Poucos meses antes, descendo em Anápolis, havia eu remetido ao Congresso mensagem em que pedia permissão para construir a nova capital. Lembro-me bem da descrença total com que essa mensagem foi recebida. Poucos acreditavam na intenção verdadeira do governo de uma vez para sempre desacorrentar o Brasil, a vir procurar o seu futuro e o seu destino nas plagas imensas e desertas que jaziam além do Planalto Central. A um simples aceno de esperança, vieram homens de todos os recantos do Brasil, do Norte e do Sul, e aqui reunidos num trabalho que não se interrompia nem pelo dia, nem pela madrugada, nem pela noite, construíram este monumento, dando ao Brasil a imensa confiança de saber das suas possibilidades construtivas. Tão forte, tão poderoso, tão heróico foi este trabalho, que os homens que o realizaram, que a princípio traziam como nota pejorativa o título de cangangos, deram a essa designação a nobre atitude de homens de trabalho e isto passou a constituir um patrimônio moral de todo o Brasil. Quero neste último aniversário que passo no governo trazer o meu agradecimento profundamente comovido aos cangangos que nos ajudaram nesta obra. Homens que vi debruçados no trabalho pelas madrugadas fora, cantando para espantar o sono e não interromper o serviço que eles sabiam necessário ao desenvolvimento do Brasil. Estamos felizmente a 20 dias da eleição. A nação está em calma. Aquilo que nós estávamos habituados a contemplar neste país, fruto da fermentação dos ódios e das paixões políticas que procuravam desaguar à véspera da eleição para intranquilizar e perturbar o sossego do brasileiro, desapareceu de uma vez para sempre. Consolidamos a democracia, respeitando a lei e a Constituição, a vontade popular, não permitindo, sob pretexto algum, modificações na Constituição para eleições

tranqüilas e de rotina e que não se invocasse e não se pedisse uso de armas ou de golpes para conjurar as crises. Estamos a poucos dias da eleição. O meu governo tem-se mantido numa atitude impecável de respeito à opinião pública. A 3 de outubro, qualquer brasileiro votará em quem muito bem quiser e o eleito será empossado na Presidência da República. O presidente da República, no exercício da sua função, tem que ser isento. Tem que administrar a coisa pública como um patrimônio geral da nação e não utilizá-lo em benefício de grupos ou de partidos. Mas não podendo o presidente da República, por imperativo e força da própria Constituição, ser candidato a não ser que filiado a uma legenda partidária, está ele obrigado a pertencer a um partido político. A um partido político pertenço eu, ao Partido Social Democrático, que juntamente com os meus aliados da campanha de 55 desfraldou a bandeira da consolidação democrática. Voltamos novamente, os mesmos homens, os mesmos partidos, à mesma bandeira e ao mesmo ideal. E agora, como correligionário, como homem do Partido Social Democrático, posso dizer à nação Brasileira que desejo a eleição do marechal Teixeira Lott e de João Goulart, com a consciência tranqüila de poder desafiar qualquer cidadão que imputar ao meu governo atitudes facciosas que venham perturbar a lisura, a tranqüilidade e o respeito ao pleito de 3 de outubro. Resumindo as minhas palavras neste instante, quero agradecer de novo a Israel Pinheiro e aos oradores que me saudaram, aos candangos de Brasília, e, formulando votos para a prosperidade desta cidade, cuja função é abrir os largos horizontes e a nova marcha para o Brasil de amanhã, pedir a Deus que dê a todos os brasileiros paz, tranqüilidade e confiança no futuro, a fim de que, de fato, sejamos uma nação poderosa dentro de breve tempo.